

Entrevista a Keywa Henri e Maxwell Alexandre: arquivos dos corpos para a história do pensamento contemporâneo

Interview with Keywa Henri and Maxwell Alexandre: Body Archives for the History of Contemporary Thought

Sofia Cevallos Vivar

Doutora em Antropologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, França

sofiacevallosv@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9832-0998>

<http://lattes.cnpq.br/9549850686403704>

Fabián Cevallos Vivar

Pesquisador na Faculdade de Belas-Artes pela Universidade de Lisboa, Portugal

Doutor em Pós-Colonialismo e Cidadania

Global pela Universidade de Coimbra, Portugal

fabiancvivar@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7743-2846>

<http://lattes.cnpq.br/1970205985828596>

Resumo: Nesta entrevista intitulada “Arquivos dos corpos para a história do pensamento contemporâneo” propomos um diálogo com dois artistas: Keywa Henri e Maxwell Alexandre, sobre a possibilidade de considerar, de uma forma contra hegemônica, os corpos como fontes para criar arquivos na história do pensamento. As trajetórias e os aportes teórico-práticos de Keywa e Maxwell evidenciam novos mecanismos para uma escrita da história de forma mais plural e menos hierárquica.

Palavras-chave: arquivo; corpos subalternizados; história do pensamento

Abstract: In this interview entitled “Archives of bodies for the history of contemporary thought” we propose a dialogue with two artists: Keywa Henri and Maxwell Alexandre, about the possibility of considering, in a counter-hegemonic way, bodies as sources for creating archives in the history of thought. The trajectories and theoretical-practical contributions of Keywa and Maxwell highlight new mechanisms for writing history in a more plural and less hierarchical way.

Keywords: archive; subaltern bodies; knowledge history

Quando pensamos em arquivos somáticos ou corporais imediatamente emergem vários temas que contrastam com os arquivos hegemônicos: O arquivo como espaço de poder, a hierarquização, a transparência na seleção das fontes. É por este motivo que é necessária uma reflexão epistemológica que parta da experiência de artistas sobre a fonte, o objeto e a sua forma de operação na cotidianidade.

Se aceitarmos que todo arquivo lida com a morte (DE CERTEAU, 2006) ou que ele é aquilo que está em tensão permanente com o que não quer morrer, devemos também acolher a ideia que o arquivo somático vai evidenciar a existência de uma necropolítica (Mbembe, 2002) em nossas sociedades. Isto é, a forma como o poder está organizado para decidir quem pode existir e quem é descartável, ou seja, quem tem controle da morte desses corpos e dos arquivos dos que são parte. As formas mais frequentes de necropolítica nos arquivos são: exclusão de formas de saber, epistemicídio, abandono ou apagamento das narrativas de contar, desqualificação das alteridades.

Fugir da ideia de que o arquivo precisa de documentos para partir a procura por corpos em movimento, desde nossa perspectiva, é valorizar as marcas que os colonialismos, capacitismos e os heteropatriarcados deixam na pele e nas vivências das pessoas. Assim: É possível pensar essas marcas mais como presenças do que carências com o objetivo de reconstruir as subjetividades valorizando o que é apagado nos arquivos tradicionais? Podem essas experiências corporais ser assumidas como outras formas de “documentar” para serem arquivos vivos e dinâmicos?

Desta última pergunta propomos pensar numa outra questão para ser colocada à história do pensamento e das práticas culturais: o que fazer com aquelas fontes que não são artefactuais? Como sabemos, arquivo é constituído pelos documentos: escritura, fotografia e imagens. Mais recentemente se incluem também os arquivos orais institucionalizados com o nome de “história oral”. Se pensarmos que, provavelmente, as ordens de gênero, raça e capacitismo sejam as marcas mais reticentes ao arquivo, já que são parte do universo da mirada, da gramática social e não da superfície da linguagem, e são, ao mesmo tempo, as mais poderosas formas de valor y diferenciação de poder; daí que os arquivos somáticos ou corporais fugindo das fontes artefactuais desnaturalizam o arquivo hegemônico. Junto com Keywa Henri e Maxwell Alexandre, acreditamos que é importante questionar nesse sentido, quem e para quem fala o arquivo, quais

são os poderes que o legitimam, o que ocultam e silenciam, o valor que eles outorgam, que segredos propagam e que lógicas de reprodução estratégica eles produzem.

Keywa Henri, é artista multidisciplinar do povo Kaliña Tilewuyu da « Guiana francesa » e franco-brasileiro. Nascido na cidade de Kaulu/Kourou, hoje vive e trabalha principalmente entre a França e a Guiana Francesa. É a primeira indígena formada na Escola das Belas Artes de Lyon na França. A sua primeira pesquisa se constrói a partir das histórias e vivências enquanto povos originários de Abya Yala (“Américas”). O seu trabalho se desenvolve de várias formas, explorando as artes visuais, o cinema, a literatura, as ciências e outras áreas tal como a moda. Ela colabora com Sioduhi, designer de moda Piratapuya (indígena do Brasil), nas coleções Pamiri 23 (2021) e Manioqueen (2022-23). Ela participa da direção criativa e apoia o Sioduhi Studio na direção artística da marca. Realiza, com o estúdio de produção Caddah Studio, o segundo fashion film "Imanências" da Pamiri 23 para a Brasil Eco Fashion Week de 2021. Co-dirige também o desfile Manioqueen na Brasil Eco Fashion Week de 2022, assim como o desfile Manioqueen no Amazon Poranga Fashion em 2023. Ela integra a equipe responsável pela decoração do filme realizado em stop motion "Les humains sont cons quand ils s'empilent" ("Os humanos são idiotas quando se empilham") de Laurène Fernandez, que ganhou o 3º Prêmio da Cinéf no Festival de Cannes de 2022.

Keywa entende a animação como uma linguagem da transformação. Um fluxo no qual se encontram e se entrelaçam diversos elementos, dos quais surgem sistemas compostos e efêmeros. O ecletismo característico dessa forma de expressão a leva a desenvolver projetos multifacetados, que se alimentam de materiais em diálogo com suas inquietações. Partindo de sua experiência de vida, ela constrói por meio do movimento uma reflexão estética, identitária, social e política. Ela propõe uma perspectiva indígena e decolonial, que busca confrontar os funcionamentos opressivos e dominantes estabelecidos na sociedade.

A sua luta é a favor de um protagonismo indígena na sociedade contemporânea global, questionando o lugar dela no contexto francês, expressa uma perspectiva originária em movimento.

Maxwell Alexandre é artista visual brasileiro nascido em 1990, na favela da Rocinha, Rio de Janeiro. Graduou-se em Design na PUC-RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) em 2016. Sua obra distingue-se pela pintura figurativa preta construída a partir de suas

experiências cotidianas na cidade e na favela da Rocinha, localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Hoje, a obra de Maxwell Alexandre explora principalmente o corpo branco, através da pintura figurativa sobre tela, papel, lonas de piscina, portas de madeira e esquadrias de alumínio, materiais que reutiliza como alicerce para sua construção estética.

Maxwell Alexandre é um artista carioca que utiliza sua arte para abordar questões sociais e culturais, especialmente aquelas relacionadas à identidade negra e à periferia urbana. Suas obras frequentemente retratam corpos negros em situações de poder e resistência, desafiando estereótipos e promovendo uma representação positiva e empoderada.

Uma das séries mais notáveis de Maxwell é "Pardo é Papel", que combina cenas cotidianas da periferia com imagens históricas e culturais significativas. Essa série foi apresentada em sua exposição individual no Museu de Arte do Rio (MAR) em 2019, onde ele explorou o colorismo e a luta por reconhecimento e igualdade. Em 2021, ele apresentou a individual "Novo Poder" simultaneamente no Palais de Tokyo (Paris) e nas duas sedes da galeria A Gentil Carioca, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Em sua mais recente série, "Novo Poder: Passabilidade", exibida no Sesc Paulista em 2024, Maxwell continuou a explorar temas de identidade e poder. Nessa série, ele utilizou cores como preto, branco e pardo para discutir a interseção entre identidade, poder e passagem, refletindo sobre questões sociais e culturais do Brasil.

[Sofia Cevallos Vivar; Fabián Cevallos Vivar]: Como a sua prática artística busca registrar e dar visibilidade à inquietude e resistência dos corpos frente aos mecanismos de opressão racistas, de gênero, sexo e capacitistas? Em que aspectos o seu trabalho contribui para arquivar e afirmar essas vivências - muitas vezes silenciadas -, como formas de resistência e memória coletiva?

[Keywa Henri]: A França possui ainda hoje territórios-colônias fora da Europa, onde sobrevivem povos indígenas que ela não reconhece na sua Constituição. Os povos originários só podem então existir através da nacionalidade francesa, uma etiqueta identitária que nos foi imposta há menos de 70 anos na "Guiana Francesa". A invisibilização e o apagamento são sistêmicos, as desigualdades raciais, de gênero, sexuais e capacitistas nos oprimem diariamente. Refletir, expressar, destacar, confrontar e enfrentar esta realidade que vivo – eu existo do lado brasileiro do rio Oyapock, e do lado francês, eu não existo – atravessa a minha prática artística.

Carrego a minha História e o meu trabalho pode também ser visto como um testemunho crescente da nossa Resistência, que num impulso individual, se tornará em um fragmento da nossa memória coletiva que preservamos e transmitimos.

[Maxwell Alexandre]: Eu tento manifestar as coisas que me instigam no mundo, e procuro não me demorar muito nesses assuntos que vocês trouxeram. Isso pode soar estranho, e não tem a ver com uma displicência de minha parte. Penso que a minha arte seja, na verdade, uma forma constante de busca por libertação e autonomia, e isso por si só já é muita coisa: sou um homem negro latino-americano de origem periférica que ascendeu a partir da arte.

[Sofia Cevallos Vivar; Fabián Cevallos Vivar]: *Que ferramentas e técnicas usa para expressar e valorizar a complexidade dessas identidades, situadas em realidades periféricas e historicamente marginalizadas?*

[Keywa Henri]: As artes, assim como a política, a economia ou as ciências, são áreas nas quais devemos nos envolver; mas a arte é uma ferramenta em si, para mudar todas as camadas da sociedade. Os idiomas que falo, os materiais que uso e os espaços que acolhem o meu trabalho, são elementos entre outros, que articulam e compõem obras que evocam os paradoxos, as dificuldades e as riquezas da vida. Gosto muito da arte da animação, que vejo como uma linguagem de transformação, uma linguagem viva. Criar animações me permite entender a minha vivência e traduzir sua complexidade. Animar é estar em movimento e criar um movimento, é perceber que tudo está interligado, conectado. Seu caráter multiforme e infinito desenha um caminho para navegar pelas práticas artísticas, mas também pelos tempos, os espaços e as histórias, para criar novas narrativas.

[Maxwell Alexandre]: Fiquei muito conhecido pela pintura figurativa preta, principalmente pela série “Pardo é Papel”. No entanto, hoje tenho em minha prática a série “Clube” como meu maior interesse. É nessa série que eu começo a me envolver mais profundamente com as questões básicas e tradicionais da pintura, como a cor e a luz. Todo esse interesse inicia quando, em 2020, eu me associo ao Clube de Regatas do Flamengo para fazer natação. Naquele contexto de saúde, lazer e bem estar, eu vi o corpo branco relaxado, banhado de sol e água, numa área abastada e arejada, e foi esse corpo que nesse ambiente que me fez ter vontade de ser pintor de verdade, de me assumir pintor para o mundo. Com a série “Clube” eu migrei da figuração preta

para a figuração branca. Hoje a pele branca é o meu novo motivo principal por tempo indeterminado.

[Sofia Cevallos Vivar; Fabián Cevallos Vivar]: *Em que medida a sua prática artística busca desafiar as normas e limitações impostas pelo domínio e controle da estética e dos corpos, incorporando saberes considerados ‘ineficientes’ ou improdutivos’ e explorando o erro como um caminho para novas maneiras de conhecer e criar?*

[Keywa Henri]: Ser indígena no mundo da arte é um desafio constante e ainda uma singularidade na esfera francesa. A arte indígena contemporânea redefine as ideias e os códigos impostos pelo sistema dominante. Meu trabalho reflete um desejo de desfazer os estereótipos baseados na visão eurocêntrica das artes e nos seus padrões tradicionais exigidos dos corpos indígenas, uma maneira de afirmar que as nossas perspectivas são igualmente legítimas e essenciais. Eu crio e amplio um espaço de liberdade que nos foi negado. A liberdade de ser quem somos, de pensar, de imaginar e de criar. É neste espaço de criação que o erro no processo, no trabalho, na pesquisa, torna-se um meio de perceber os seus contornos, de ter consciência do seu percurso, da sua posição e das suas escolhas. Tanto na vida como na prática artística, talvez seja em torno destes erros que também podemos nos encontrar.

[Maxwell Alexandre]: Acredito que os 3 Pavilhões que criei em meu nome, na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 2023 e 2024, podem responder a sua pergunta. Ainda que não seja exatamente esse o ponto. Eles foram criados como espaços de experimentação e liberdade, é onde posso escoar minhas criações sem receio. Os Pavilhões são como a minha capela exclusiva, uma tentativa de curar e exibir em tempo real minhas elaborações e interesses. Neles congrego toda minha mitologia ainda em desenvolvimento: trabalhos inacabados são apresentados, sem tanta tensão comercial e burocracias que reivindicam o objeto de arte pronto, seguro e imaculado. Essa é uma premissa fundamental desta nova edificação em comparação à circulação de obras de arte no mercado e nas instituições vigentes. Entendo que ali é o lugar do risco, de mostrar vulnerabilidade, trabalhos ainda em fases imaturas, duvidosas e constrangedoras.

Referências Bibliográficas

DE CERTEAU, Michel (2006). *La escritura de la historia*. México DF: Universidad Iberoamericana.
MBEMBE, Aquille (2002). "The Power of the Archive and its Limits". In Hamilton, Carolyn. *et al.*
(eds). *Refiguring the Archive*. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publishers.